

Grupo dos 8 pode acertar conta

O Brasil deve receber créditos na AL através de produtos importados

SUELY CALDAS

RIO — O Brasil poderá receber pagamento de créditos com países latino-americanos (que somam hoje US\$ 3,6 bilhões) em moeda desses países, que depositarão o dinheiro em um fundo no seu banco oficial, a ser utilizado para pagar importações feitas pelo Brasil ou para custear investimentos locais de empresas brasileiras. Proposta pelo Brasil, essa é uma das sugestões que os técnicos do chamado "Grupo dos Oito" (Argentina, México, Brasil, Colômbia, Uruguai, Venezuela, Peru e Panamá) concordaram em levar para exame dos seus ministros da Fazenda, que se reunirão no dia 19, em Cancún, no México.

Sem a presença do Uruguai e do Panamá (este último se retirou), o grupo dos oito encerrou ontem reunião de dois dias no Rio, em nível técnico. Segundo o coordenador de assuntos internacionais do Ministério da Fazenda, Sérgio Amaral, foram analisadas fórmulas de pagamento dos débitos intra-regionais, que até o momento vêm di-

ficultando o incremento do comércio e a integração latino-americana.

O Brasil, informou Amaral, concluiu acordo de reescalonamento da dívida do Paraguai, de US\$ 400 milhões, com prazo de 18 anos de pagamento, oferecendo opção para esse país pagar com títulos da dívida brasileira, hoje cotados com 70% de deságio no mercado secundário. Assim, o Paraguai despende 30 centavos por dólar que pagar ao Brasil. Outro acordo, de valor semelhante, começou a ser negociado com a Bolívia, mas foi interrompido em consequência da mudança do governo.

Na verdade, o comércio do Brasil com os demais países lati-

no-americanos tem recuado em razão dessas pendências financeiras e da impossibilidade de o País abrir novos créditos justamente porque há hoje, atrasados, mais de US\$ 1 bilhão de dívidas desses países. Com acordos de pagamento, o governo brasileiro acredita poder retomar o crescimento da exportação e abrir novas linhas de financiamento para sustentar essas operações. Num primeiro momento, segundo Sérgio Amaral, esses acordos de pagamento serão negociados apenas com países pequenos, de menor desenvolvimento relativo. Países como Argentina, Venezuela e México, ressaltou, terão de continuar pagando ao Brasil em divisas.



Ricardo Chaves/AE - 28/2/89

Amaral: sugestões a ministros

Ignacy Sachs nega receita ao Brasil

CAMPINAS — O economista polonês Ignacy Sachs, que está no Brasil para uma série de conferências, se recusou ontem, pouco antes de falar a um restrito grupo de professores da Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a apontar soluções para a crise da dívida externa brasileira. Disse não ter soluções prontas para o problemas e argumentou que não teria sentido fazer nenhuma proposta, principalmente

por viver fora do País. "Não faço como o Jeffrey Sachs, que não é meu parente", acrescentou num clara tom de ironia.

Ignacy Sachs esteve na Unicamp para falar sobre o tema Políticas de Ajuste e de Reforma: uma Comparação entre Brasil e Polônia. No rápido encontro que teve com jornalistas, pouco antes da palestra, apresentou elementos sobre sua proposta para que o Brasil incentive a realização de pesquisas

sobre biomassa. A bioindustrialização é, segundo Sachs, o melhor caminho para a retomada do desenvolvimento brasileiro. Seu principal argumento é o de que no País a mão-de-obra é farta e barata e a atividade não exige especialização. "A biomassa requer manejo extremamente cuidadoso do solo, águas e florestas", o que inclui a defesa da ecologia, afirmou. Sachs é professor da Escola de Altos Estudos de Paris e já foi funcionário da ONU.